

Tiago Salazar

Título:

Mal me quero

Texto:

Peça em I Acto

Uma mulher de meia-idade, balzaquiana como se diria noutros tempos, limpa o pó a uma jarra de malmequeres na sala de jantar junto à janela. A expressão do rosto, pálido, olheirento, triste, diz sofrer de enfado, aonde, como os raios de sol, a espaços, num dia de tempestade, se divisam raios de esperança. No íntimo onde ninguém chega, e onde as palavras apenas servem de bálsamo, sofre de amores: de amor-próprio e do amor por um homem, onde um dia achou estar o sentido da sua vida. Pega numa flor, inala-a e interrompe a lide.

Malmequer, bem me quer, mal lhe quero, mal me quero... (repete, até deparar a flor). Raios te partam! Promessas, cios, de ti quero só a verdade, por muito que doa (imita-o). Pulha! Mal te quero! (Grita e parte a jarra. As flores espalham-se pelo chão. Senta-se no chão. Chora). Como pude acreditar em ti. Como! Sirvo-te para te lavar a roupa, fazer-te a comida, engrandecer-te, ser-te e é isto que tens para me dar. Mal te quero! MAL TE QUERO! Oxalá nunca sejas capaz de nada. Devia ter-te capado no dia em que soube. Eu sabia, mas estúpida, não queria ver. O amor livre, amor, o poliamor. Nunca deixou de ser ela. Ela! Foi sempre ela, a tua vaidade, como é sempre uma coisa qualquer, por mais que tentemos andar para a frente. Podia ter-te envenenado com as minhas migas, as tuas migas como só eu as faço, como nenhuma outra (imita-o). Aposto que dizes o mesmo a todas. (Excerto)